



**SALA GARRETT**

# **O CAMAREIRO**

THE DRESSER



DE  
**RONALD HARWOOD**

TRADUÇÃO

**MARIA JOÃO DA ROCHA AFONSO**

VERSÃO CÉNICA E ENCENAÇÃO

**JOÃO MOTA**

**10 SET  
A 25 OUT**

4ª a Sáb. 21h30 Dom. 16h



---

# SALA GARRETT

10 SET A 25 OUT ' 09

**4ª a Sáb. 21h30 | Dom. 16h**



# O ESPECTÁCULO

*O Camareiro - The Dresser* é um retrato apaixonante da vida nos bastidores do teatro. À frente de uma companhia itinerante, o já ancião actor e director da companhia, que é tratado apenas por Sir, luta para conseguir manter a sua própria sanidade e completar a sua 227ª representação do *Rei Lear*. A ajudá-lo está o seu devoto camareiro, Norman, que tudo fará para que o actor consiga cumprir esta tarefa. Uma aventura cómica e, ao mesmo tempo, emocionante sobre as relações humanas.



# FICHA TÉCNICA

DE **RONALD HARWOOD**

TRADUÇÃO **MARIA JOÃO DA ROCHA AFONSO**

VERSÃO CÉNICA E ENCENAÇÃO **JOÃO MOTA**

CENOGRAFIA **ANTÓNIO CASIMIRO**

FIGURINOS **CARLOS PAULO**

DESENHO DE LUZ **PAULO GRAÇA**

MÚSICA **HUGO FRANCO**

CABELOS E MAQUILHAGEM **LUCINDA ALMEIDA**

COM **RUY DE CARVALHO, VIRGÍLIO CASTELO, MARIA AMÉLIA MATTA, PAULA MORA, JOSÉ NEVES, MARIA ANA FILIPE, CARLOS PANIÁGUA, ALEXANDRE LOPES, ARMANDO VALLE-QUARESMA, FRÉDÉRIC DA CRUZ, MIA FARR, MARCO PAIVA, RUI NETO E TÂNIA ALVES**

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO **HUGO FRANCO**

ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA E ADEREÇOS **MATILDE AZEVEDO NEVES**

PRODUÇÃO EXECUTIVA **ROSÁRIO BERNARDO**

OPERADOR DE LUZ **FELICIANO BRANCO**

OPERADOR DE SOM **RUI DÂMASO E PEDRO COSTA**

OPERADOR DE MAQUINARIA **RUI CARVALHEIRA, PAULO BRITO, JORGE AGUIAR E MARCO RIBEIRO**

CO-PRODUÇÃO **TNDM II E COMUNA – TEATRO DE PESQUISA**

M/12

AGRADECIMENTOS:

**VICENTE TRINDADE, TARUMBA – TEATRO DE MARIONETAS, TEATRO ABERTO, REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS DE LISBOA, JOSÉ AUGUSTO BARROS**



*The Dresser* significa o que veste ou o que ajuda a vestir mas, em *O Camareiro* (versão portuguesa), Norman faz mais do que ajudar a vestir. Ele é o camareiro, o companheiro que cuida, que protege e que faz com que o velho actor (Sir) consiga subir ao palco e representar o seu famoso *Rei Lear*, talvez pela última vez!

É com Teatro dentro do Teatro, e prestando assim homenagem a todos aqueles que fazem deste meio a sua profissão, que lançamos a nova temporada do TNDM II, com o repto quase irresistível de rever nesta casa dois dos seus filhos pródigos, Ruy de Carvalho (*O Camareiro*) e Eunice Muñoz (*O Ano do Pensamento Mágico*).

Nesta temporada, contamos igualmente com o contributo de criadores incontornáveis como João Mota (*O Camareiro*), Jorge Silva Melo (*Rei Édipo*), Luís Miguel Cintra (*Miserere*) ou João Brites (*Afonso Henriques*) e ainda de jovens talentos como João Pedro Vaz (*Ego*), Tiago Guedes (*Blackbird*) ou Marco Martins (*Um dia Normal*), que consolidam a nossa missão de criar espectáculos de excelência, afirmando

um espaço de referência cultural nacional, com uma programação eclética, representativa de estéticas e correntes diversas, apelando a vários públicos de diferentes faixas etárias.

Dos clássicos à dramaturgia portuguesa (*Miserere*, *Breve Sumário da História de Deus*, *Vulcão* e o texto vencedor do prémio de dramaturgia luso-brasileiro António José da Silva), dos contemporâneos às linguagens Emergentes, dos festivais (FIMFA, Alcantara, Almada) e produções internacionais (*Darwin... Tra Le Nuvole*, *La Douleur*, *La Estrella de Sevilla*) aos espectáculos infanto-juvenis (*Afonso Henriques*, *Robinson Crusoe*), do projecto TEIA (Visitas e Leituras Encenadas, Grandes Textos, Contos e Poesia, Cruzamentos, Debates, Colóquios, Master-Classes e Workshops) às edições, tudo foi programado a pensar no seu entusiasmo, na sua exigência e na cumplicidade da sua presença.

Desejamos-lhe uma fantástica temporada!

#### **Diogo Infante**

Director Artístico do TNDM II





# João Mota

## “OS ACTORES SÓ VIVEM NA MEMÓRIA DOS OUTROS”\*

1. N' *O Camareiro*, somos espectadores privilegiados dos bastidores de uma companhia itinerante que se dedica a representar Shakespeare. Num dia, representa-se o *Rei Lear*, para no dia seguinte se representar *Ricardo III* e, no mesmo dia à tarde, se representar *O Mercador de Veneza*. Estamos em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, na província inglesa. Donald Wolfit “Sir” é o actor-empresário de uma companhia com um elenco de terceira categoria composta por velhos, pois os actores mais jovens estão na frente da batalha. O único elemento mais novo é Irene, a que entrega o mapa.

2. Com uma idade avançada, Donald Wolfit “Sir” é um homem frágil que não sabe se tem forças suficientes para conseguir representar o *Rei Lear* até ao fim. Mas não será o actor, por natureza, alguém frágil que trabalha com os sentimentos e emoções e que, todas as noites, desvenda a alma perante o público?

3. Aqui, faz-se teatro com as bombas a cair. Mesmo assim, as salas continuam a ser frequentadas pelo público. Como diz Wolfit, as salas, mesmo assim, continuam a encher com um público “ávido de ouvir Shakespeare”. Não sabemos onde está o limite entre a ficção, o teatro e a vida. Norman é mais do que o

seu camareiro. É a sombra. É o companheiro que, à semelhança de Madge, o ama verdadeiramente.

4. Lembro-me de ter visto o Ruy de Carvalho em *Margarida da Rua*, no Teatro Monumental – éramos ambos muito jovens. Depois disso, trabalhei várias vezes com ele e mantemos uma amizade de há longos anos, mas é a primeira vez que o dirijo. O Ruy é um actor verdadeiramente excepcional, pela sua humildade, vontade, energia e o seu enorme talento. O sentido de responsabilidade, a repetição como método de trabalho, a coragem de ser diferente e de ser sempre melhor fazem dele um exemplo para todos nós. O mesmo posso dizer do Virgílio Castelo, com quem nunca tinha trabalhado, mas que, para além do seu talento, me surpreendeu pela disciplina de trabalho e exigência consigo próprio. Deixo ainda uma palavra de agradecimento a todo o elenco, à equipa técnica e aos meus companheiros de sempre, António Casimiro (cenografia), Carlos Paulo (figurinos) e Paulo Graça (desenho de luz).

\* No final dos ensaios, depois da reflexão sobre o trabalho, as esperadas histórias dos velhos actores que Ruy de Carvalho nos contava, como uma grande família que somos.

**João Mota**





Nascido em 1934, na África do Sul (Cape Town), Ronald Harwood mudou-se aos 17 anos para Londres, onde iniciou uma carreira no teatro. Após ter frequentado a Royal Academy of Dramatic Arts, juntou-se à Shakespeare Company of Sir Donald Wolfit, um dos últimos 'actor-empresário' ingleses. Entre 1953 e 1958, Harwood tornou-se o camareiro pessoal de Sir Donald. Em 1959, após deixar a companhia de Wolfit, fez parte, durante uma temporada, da 59 Theatre Company. Mais tarde, ir-se-á basear na sua experiência para escrever a peça *The Dresser*, um êxito em Londres (1980) e na Broadway (1981), e a biografia *Sir Donald Wolfit CBE: His Life and Work in the Unfashionable Theatre* (1971). Apesar de mais tarde (1978-79) apresentar as séries da BBC sobre livros, *Read All About It*, e o programa *Kaleidoscope* (1973), Harwood abandonou praticamente a representação em 1960, quando a sua primeira tele-peça, *The Barner of Stamford Hill*, foi produzida. Em 1960, dá início a uma carreira como escritor e publica a sua primeira novela, *All the Same Shadows* (1961), o guião *Private Potter* (1961) e produz a peça *March Hares* (1964). As décadas de 60, 70 e 80 serão bastante produtivas deste ponto de vista. Harwood fica internacionalmente conhecido com *The Summit: A Nuclear Age Drama* (1987) sobre a conferência de Reykjavik entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. Assinou também *Evita Peron* (NBC, 1981), com Faye Dunaway como protagonista. A reputação de Harwood na América consolidou-se com *Mandela* (1987), com Danny Glover e Alfre Woodard como Nelson e Winnie Mandela, um dos primeiros filmes da Pay-TV. Este filme chamou a atenção do mundo para a figura de Mandela e para a causa do Apartheid na África do Sul. Um dos temas recorrentes na obra de Harwood é o seu fascínio pelo palco e pelo trabalho dos actores. *The Dresser*,

a sua peça de maior sucesso e posteriormente adaptada ao cinema, baseia-se nas experiências da companhia de teatro de Wolfit durante o período da Guerra. *After the Lions* (sobre a actriz francesa Sarah Bernhardt; 1982), *Another Time* (sobre um talentoso pianista; 1989), *Quartet* (sobre o envelhecimento dos cantores líricos; 1999) e o seu livro *All the World's a Stage* (uma história do teatro) são outros exemplos deste interesse pelos bastidores do mundo do espectáculo. Outro dos temas presente na obra de Harwood é o período da Segunda Guerra Mundial, sublinhado, por exemplo, nos filmes *Operation Daybreak* (1975), *The Statement* (2003), *The Pianist* (vencedor do Óscar para Melhor Argumento Adaptado e a Palma de Ouro; 2003) e a sua peça para teatro convertida em filme, *Taking Sides* (2001). Baseados em histórias verdadeiras, os dois últimos filmes têm como protagonistas músicos. Em 2008, escreve a peça para teatro *An English Tragedy* baseada na história verdadeira do fascista inglês John Amery.

Autor de várias novelas, algumas delas tendo como cenário a África do Sul, foi premiado com o Jewish Quarterly Prize for Fiction (1994). Em 2007, conheceu uma nova nomeação para o Óscar de Melhor Argumento Adaptado com *The Diving Bell and the Butterfly* e ganhou o prémio da British Academy of Film and Television Arts. Em 2008, recebeu o Humanitas Award.

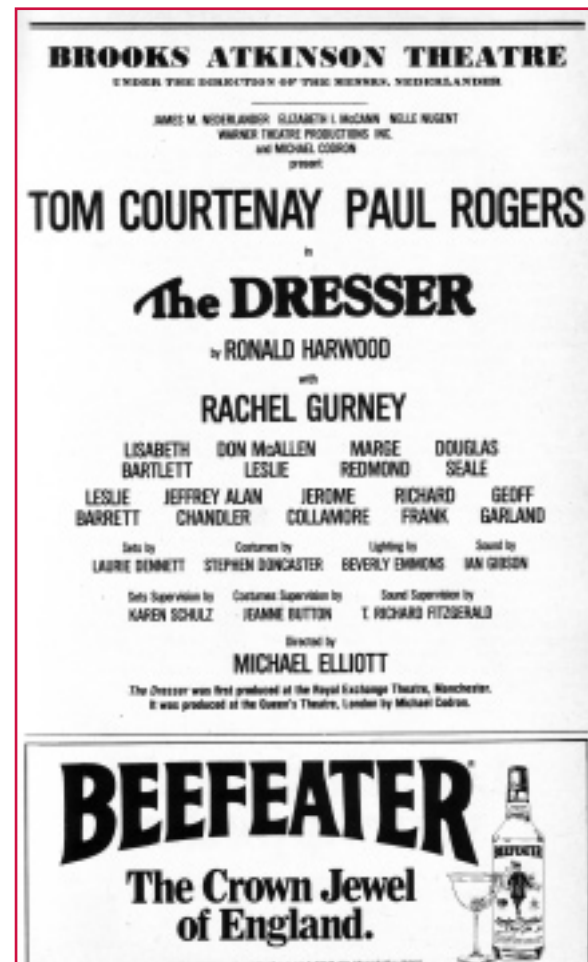
Foi Presidente, entre 1989 e 1993, do PEN Club Inglês e, entre 1993 e 1997, do PEN Internacional. Foi *Chairman* da Royal Society of Literature (2001-2004) e Presidente do Royal Literary Fund (2005). Em 1974, foi eleito membro da Royal Society of Literature, Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras (1996) e *Commander* do British Empire (1999). Em 2003, foi eleito membro da Serbian Academy of Sciences and Arts no Departamento de Língua e Literatura.

# O ACTOR/ EMPRESÁRIO E O SEU CAMAREIRO

A tradição teatral que alimentou as personagens de *The Dresser* já não existe, a tradição do actor-empresário. Durante mais de duzentos anos, até aos anos 30, o actor-empresário representava o teatro inglês que tinha os seus equivalentes nos Estados Unidos e um pouco por toda a Europa.

O actor-empresário era principalmente um actor que, talvez pelos seus vinte anos, havia economizado dinheiro suficiente para financiar uma companhia de teatro, geralmente dedicada a representar as peças de Shakespeare, mas sempre uma onde o actor-empresário tivesse o melhor papel. Ele representava de uma ponta das ilhas inglesas à outra, levando às pessoas o seu repertório. Só alguns chegavam a Londres; o seu lugar preferido era o Interior e andavam em digressão sob terríveis condições físicas, longas jornadas, desconfortáveis viagens de comboio aos Domingos, passando muitas horas à espera de ligações num entroncamento ferroviário no meio de Inglaterra chamado Crewe. Num Domingo, em Crewe, mudavam de comboio dúzias de companhias de teatro: os actores e actrizes encon-

travam velhos amigos, bisbilhotavam, descobriam *castings* e, se necessário, chegavam a fazer audições na plataforma. Os actores-empresários encontravam-se e, de facto, eram os aristocratas dos actores em digressão. Eles financiavam, produziam, dirigiam e, claro, eram os protagonistas de cada peça. Desenvolveram profundos recursos de poder, essenciais para sobreviverem. Veneravam Shakespeare, acreditavam no teatro como uma força cultural e educacional e viam-se ao serviço do público. Hoje em dia, rimo-nos um pouco deles e não há como negar que as suas obsessões e a sua franqueza os tornavam muitas vezes ridículos; temos uma tendência para os descrever como megalomaniacos e maus actores; em Inglaterra, costumamos pensar que eles na verdade produziam este grande espectáculo para a comunidade na esperança de serem convidados ao Palácio de Buckingham para serem armados cavaleiros. A verdade é que muitos deles eram homens extraordinários e talentosos; os seus dons enalteciam a arte de representar; alimentaram e mantiveram vivo um repertório clássico



Cartaz da estreia *The Dresser*, no Brooks Atkinson Theatre, em Dezembro de 1981.

que é a inveja do mundo e criaram uma magnífica tradição que é a fundação da actual herança teatral inglesa. Contudo, a peça chama-se *The Dresser*. Nenhum actor-empresário sobreviveu em tempo algum apenas através dos seus esforços. Publicamente, ele gostava de se proclamar orgulhoso da sua individualidade, enquanto reconhecia, em privado, a sua dívida para com todos aqueles que lhe dedicavam as suas vidas e à sua empresa. O camareiro era o seu criado pessoal, o seu pajem e confidente: o camareiro não só verificava se o actor-empresário vestia a

roupa certa na peça certa e na cena certa, mas protegia-o de pedidos e intrusões desnecessárias. Ele era o guardião do camarim do actor-empresário e isso dava-lhe na companhia uma posição de grande importância e poder.

## Ronald Harwood

In [Programa da peça] *The Dresser*. New York: Brooks Atkinson Theatre, Dezembro 1981: 54.





*O JUDEU* (enc. Rogério Paulo), TNDM II, 1981.

# RUY DE CARVALHO

UM ACTOR DEDICADO, UM HOMEM DE AFECTOS

Justamente celebrado pelo público e pela crítica, Ruy de Carvalho consente – por uma vida devotadamente dedicada à arte da representação nos seus mais variados géneros e formatos – uma quase unanimidade na apreciação de uma carreira artística bem sucedida que completa agora sessenta e dois anos<sup>1</sup>. É certo que é hoje pela televisão – nas várias séries e telenovelas em que marcou presença – que um mais alargado leque de pessoas o reconhece naquele seu jeito afectuoso, de amena solidariedade, com que a câmara vai destacando os pormenores sempre cuidados das suas composições e da sua contracena sempre atenta e solícita.

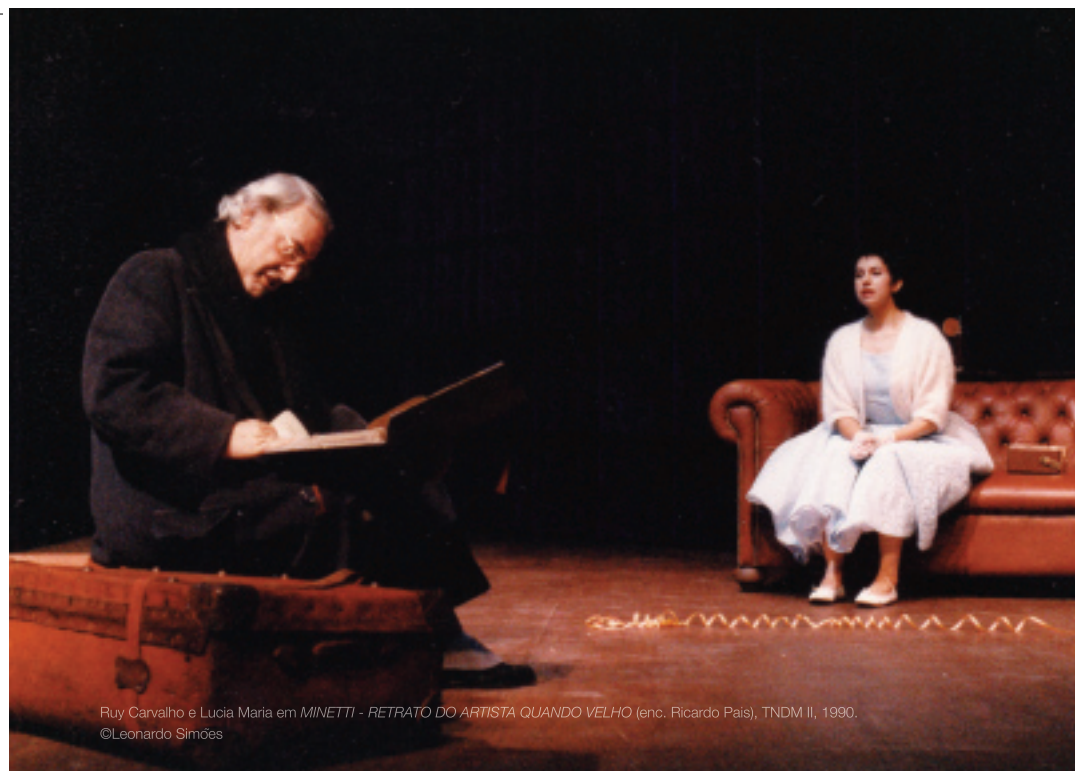
Mas tem sido o teatro – na sua mais próxima e concreta acareação com o público – a arte que mais preenche a sua dedicação e o seu enlevo. A ele vem dedicando a sua vida, num empenhamento de grande profissionalismo, que não descurou nunca a

preparação técnica e artística: frequentou o Conservatório, e reconhece em muitos dos professores, que aí teve, os primeiros mestres que lhe inculcaram a exigência de um permanente esforço e disciplina, que continua a professar. Mas, ao longo da vida, foi ainda tomando por “escola” as muitas experiências teatrais<sup>2</sup>, em que tem participado, e nelas foi sempre procurando outras razões para melhor se preparar: muito jovem ainda, no coro do Teatro Nacional S. Carlos, aprendeu com o regente do coro – Maestro Pellegrini – muito do cuidado a ter com a voz; no teatro radiofónico – na sua opinião, “uma autêntica escola de leitura, em voz alta e expressiva” – apurou a leitura de grandes textos e o sentido de ritmos, tempos e inflexões; nas muitas companhias, por que passou, soube respeitar compromissos, aprender com encenadores e colegas, descobrir e adoptar formas diversas de entender e praticar o teatro.

<sup>1</sup> Profissionalmente Ruy de Carvalho estreou-se no Teatro Nacional D. Maria II a 9 de Agosto de 1947 no espectáculo *Rapazes de hoje*, sobre texto de Roger Ferdinand, que Norberto Lopes traduziu e Erwin Meyenburg encenou (v. CETbase – Teatro em Portugal no sítio do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa: <http://www.fl.ul.pt/CETbase/default.htm>). Nessa mesma base de dados se refere a sua participação em dois espectáculos que antecederam esta sua estreia profissional: *Jogo para o Natal de Cristo*, no Teatro da Mocidade Portuguesa, em 1942, e o 2.º espectáculo essencialista do Teatro Estúdio do Salitre, em Abril de 1947, substituindo Luís de Lima na peça *Uma distinta senhora*, de Rodrigo de Mello.

<sup>2</sup> Na página electrónica da CETbase que refere a sua carreira são referidas 21 companhias em que trabalhou.





Ruy de Carvalho e Lucia Maria em MINETTI - RETRATO DO ARTISTA QUANDO VELHO (enc. Ricardo Pais), TNDM II, 1990.  
©Leonardo Simões

De forma respeitosa e agradecida – um dos traços da sua “desarmante simplicidade” –, o actor relembra os múltiplos encontros e vivências, que profissional e humanamente o marcaram, no longo depoimento que Tito Lívio recolheu – e, em jeito de crónica, reelaborou – num belo livro dedicado a Ruy de Carvalho<sup>3</sup>. Com acerto e justiça, Urbano Tavares Rodrigues no Prefácio a este livro diz ser “um livro bonito, sem ódios nem pretensões”, “um acto de devoção”. Nessa publicação, com uma invulgar deferência, o actor evoca todos os artistas com quem trabalhou e descobre neles razões para enaltecer as suas qualidades, encontrando em cada um o que dele teria recebido, como colega atento e profissional exigente que sempre foi.

E como o seu trajecto de vida artística vem sendo longo e muito diversificado, a sua carreira de actor realiza uma curiosa cartografia do teatro português de mais de meio século de história. E é com bonomia – e um sentido de firme

lealdade para muitos dos que perfizeram essa história – que Ruy de Carvalho invoca essa memória, enaltecendo o que neles identificou de melhor, e professando para si um saber de experiência feito no âmbito daquela que é, como ele também confirma, uma verdadeira arte colectiva.

Essa aprendizagem ao longo da vida leva-o a elogiar Ribeirinho (que o convidou para o Teatro da Mocidade Portuguesa, quando tinha ainda 15 anos, e depois o dirigiu no Teatro do Povo, no Teatro Nacional Popular e, mais tarde, no Teatro D. Maria II, já na sua reabertura em 1978), Amélia Rey Colaço, António Pedro, Costa Ferreira, Fernando Gusmão, Carlos Avilez, Fernanda Alves e João Lourenço, entre vários outros. A nenhum regateia elogios e a todos coloca em lugar de destaque na história da encenação em Portugal.

Na evocação emotiva, que o actor faz dessa – também sua – “História do Teatro Português”, reconhece-se uma indeclinável saudade por algumas das

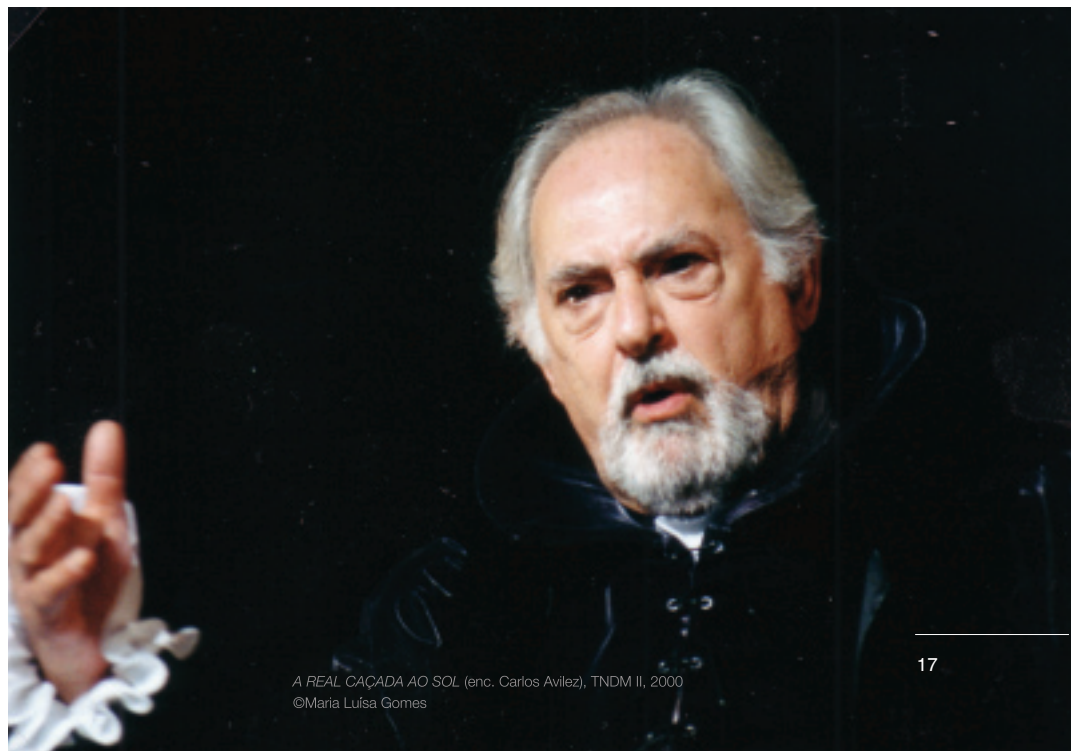
práticas que na altura provaram ter êxito, envolvendo públicos que, dificilmente, nesse tempo, teriam acesso à experiência artística: quer em versão ambulante (digressões realizadas pelo Teatro do Povo ou pela companhia de Rafael de Oliveira<sup>4</sup>), quer em forma de comédia (musical ou de *boulevard*) que Vasco Morgado promoveu e agora Filipe la Féria, que muito estima e admira, porfiadamente encena e produz. Mas se estas preocupações de públicos alargados e geografias generosas (a incluírem irradiações do “centro” lisboeta por terras do Portugal continental, ilhas e a África lusófona por onde andou) são um traço desejado na sua

visão do teatro, há dois outros modos electivos de ele encarar esta arte: a de a entender como “serviço público” (*apud* Lívio 2005: 14) – e daí o seu apego a uma certa maneira de pensar o Teatro Nacional – e a de a declarar como uma festa de cultura a exigir um compromisso também por parte do público em termos de respeito e atenção.

Valorizando assim a tradição, é incontestável a sua afeição pelo grande cânone universal, considerando obrigatória a visita repetida aos textos dramáticos de grande qualidade, tanto os portugueses, como os da literatura estrangeira. Só que essa “exigência”,

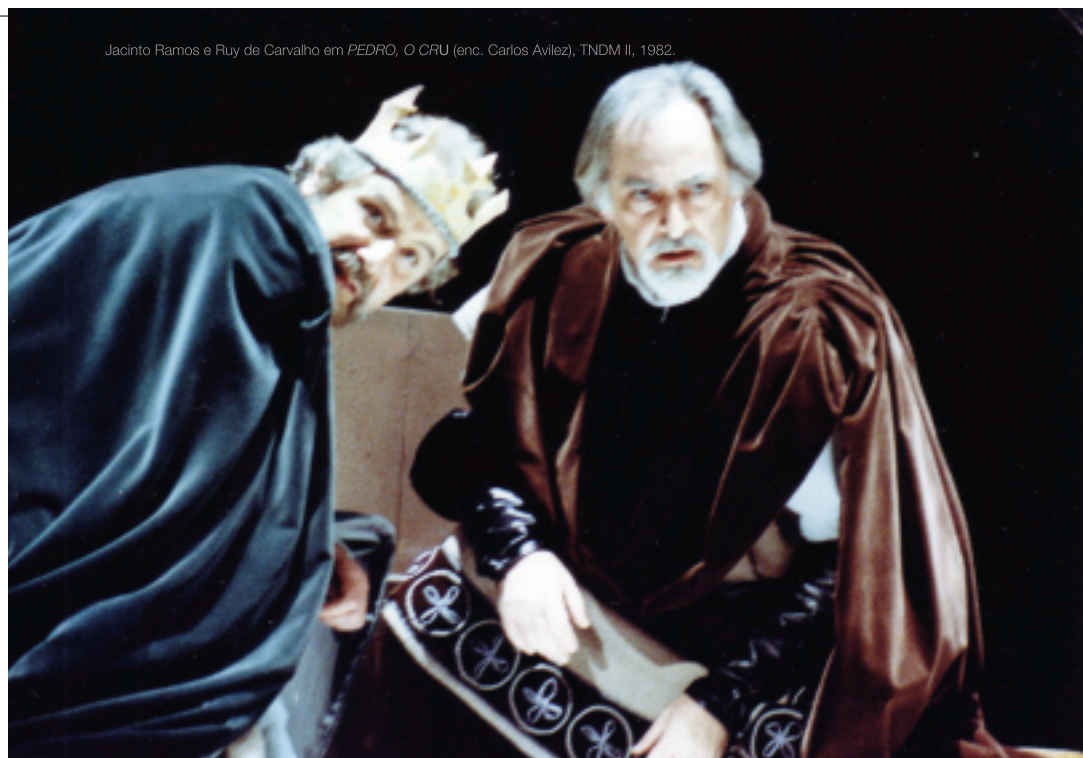
<sup>3</sup> Tito Lívio, *Ruy de Carvalho: Um actor no palco da vida*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005. Uma breve observação algo lateral: gralhas tipográficas são quase inevitáveis por maior que seja a nossa atenção, mas no caso deste livro, de resto, rigoroso nas informações que integra, é de referir que na sua p. 43, na legenda à fotografia surge, por lapso, a referência ao espectáculo *O valente soldado Schweyk* (que, salvo erro, teve como título *Schweyk na Segunda Guerra Mundial*) como tendo sido estreado não em 1975 (como ocorreu, de facto), mas em 1965, altura em que, sabemos, a censura não teria permitido semelhante liberdade.

<sup>4</sup> Há sobre esta companhia um excelente estudo de Guilherme Filipe na sua dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2006 e que aguarda publicação para breve: *Percursos itinerantes: A Companhia de Rafael de Oliveira, Artistas Associados*.



A REAL CAÇADA AO SOL (enc. Carlos Avilez), TNDM II, 2000  
©Maria Luísa Gomes



Jacinto Ramos e Ruy de Carvalho em *PEDRO, O CRU* (enc. Carlos Avilez), TNDM II, 1982.

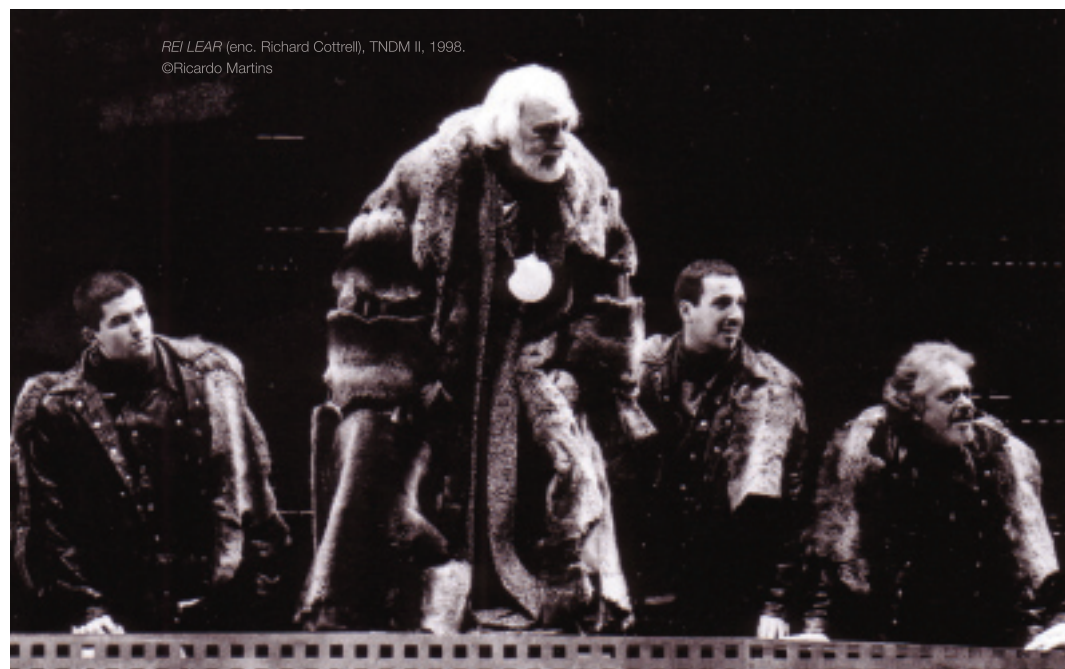
na sua opinião, não exclui, antes prevê, a sua coabitação com outro tipo de textos, de sabor mais popular, não só para garantir que todos possam e queiram relacionar-se com essa arte, como também porque essa escola de sentimentos, que é o teatro, deverá integrar o riso e as lágrimas, a diversão e a tragédia, nos seu mais amplo arco vivencial. Uma componente importante desta sua pródiga ideia de teatro tem que ver também com a sua condição profissional: um actor que, com o seu salário, tinha de sustentar a si e à sua família (Ruth, a mulher com quem se casou bem jovem, e os seus dois filhos, João e Paula). Não é, então, por acaso que Ruy de Carvalho recorda com clareza, no seu longo depoimento a Tito Lívio, os salários que foi auferindo ao longo da sua carreira e os pequenos sacrifícios que teve de fazer para equilibrar um orçamento familiar mais exigente do

que uma tal profissão consentiria. Essa tão fundamental necessidade não o demoveu, contudo, de, por vezes, partilhar riscos e sonhos, como foi o caso da sua adesão ao projecto do Teatro Moderno de Lisboa, Sociedade de Actores – com Armando Cortez, Fernando Gusmão, Carmen Dolores, Costa Ferreira, Rogério Paulo, Armando Caldas – que, entre 1961 e 1965, trouxe uma significativa alteração de qualidade ao panorama do teatro de então, mas que a censura veio progressivamente a silenciar. Como bem recorda Jorge Silva Melo: “Não foi em vão, não foi inútil, foi tão bonito aquele gesto colectivo que veio no tempo certo, sempre cedo demais nesta terra ingrata, mas no tempo certo do coração”<sup>5</sup>. Declara com coragem e grande sentido profissional que “nunca recusou nenhum papel que lhe tenham oferecido”, mas, por razões compreensíveis, muitos

deles eram não apenas desafios importantes para qualquer actor, mas também condizentes com as suas capacidades técnicas e o seu perfil artístico.

Dos muitos papéis que representou, foi o do Rei Lear que mais o empolgou: desejou-o durante muito tempo e foi Carlos Avilez, então na direcção do Teatro Nacional D. Maria II, que em 1998 o convidou, para assim celebrar os 50 anos da vida artística do actor. Sob a direcção cénica do britânico Richard Cottrell, Ruy de Carvalho cumpriu mais esse sonho, depois de, em 1994, no Teatro Nacional S. João, ter tido a alegria de ser dirigido por um outro encenador estrangeiro – desta vez o romeno Silviu Purcarete - numa outra peça de Shakespeare: *A tempestade*. A sua relação com o Teatro Nacional D. Maria II conheceu, assim, três fases importantes: o tempo em que trabalhou

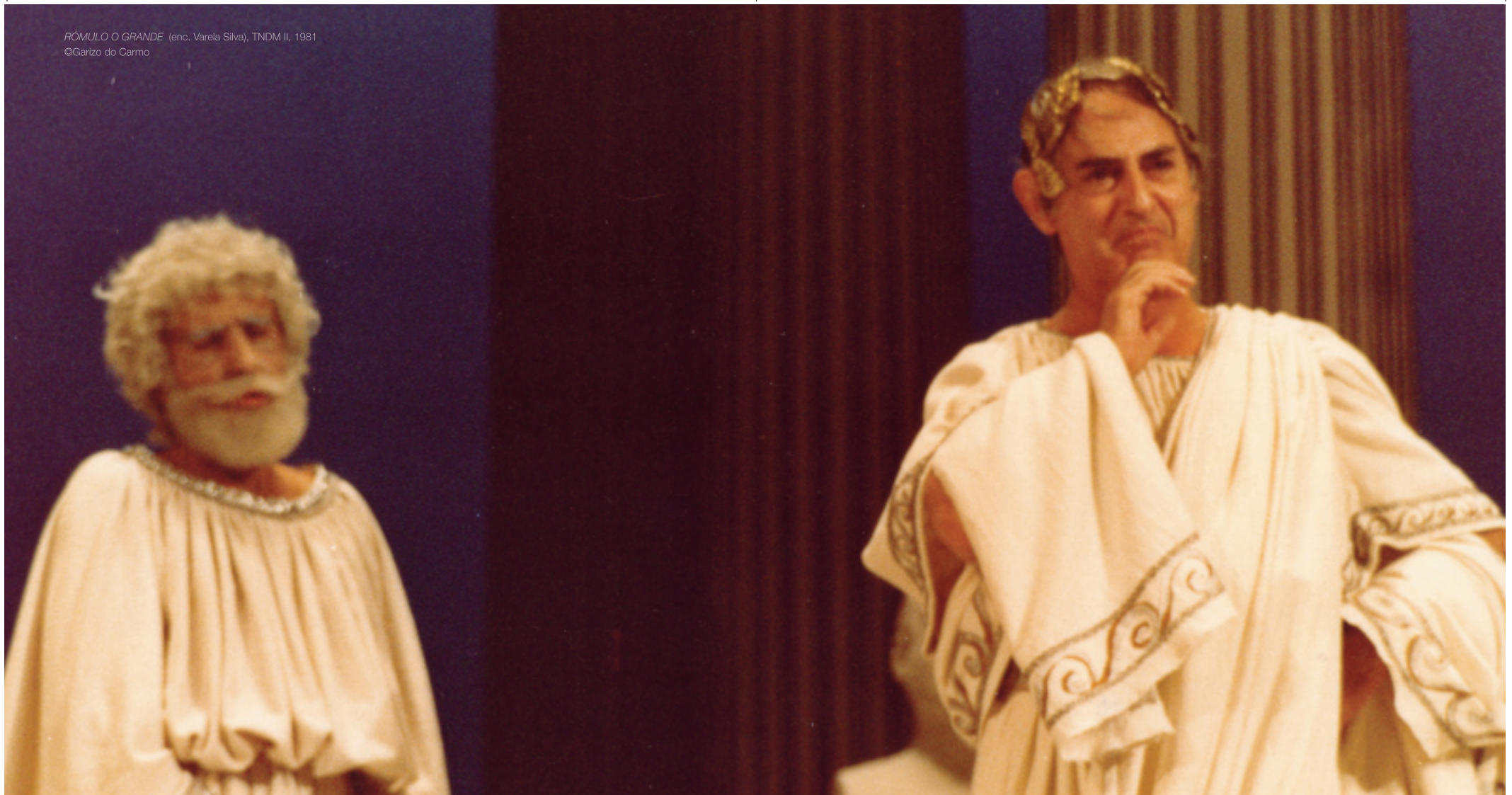
com Amélia Rey Colaço (para lá do começo pontual em 1947, teve, no início dos anos 50, participação em mais duas produções, mas de onde saiu para o Teatro do Povo, por convite de Francisco Ribeiro [Ribeirinho]); a reentrada em 1978 – depois das obras de remodelação a que obrigou o grande incêndio de 1964 – também por convite de Ribeirinho e onde ficará até 2000, quando uma drástica medida ministerial esvazia a companhia residente e compulsivamente o reforma - jubilado - aos 74 anos de idade; e, agora, neste novo espectáculo *O camareiro*, sobre texto de Ronald Harwood, num interessante tributo a um actor que tragicamente encarna – na desmedida dedicação e dor – a figura de Lear, destilando uma nostálgica recordação de toda uma vida devotada ao palco. Mas nessa passagem pela Casa de Garrett não é demais recordar a extra-

*REI LEAR* (enc. Richard Cottrell), TNDM II, 1998.  
©Ricardo Martins

<sup>5</sup> Jorge Silva Melo, “Eu tinha treze anos”, *Século passado*. Lisboa: Cotovia, 2007, p. 81.



RÔMULO O GRANDE (enc. Varela Silva), TNDM II, 1981  
©Garizo do Carmo



ordinária realização artística que foi *Mãe Coragem e os seus filhos*, de Brecht, sob a direcção de João Lourenço, em que contracenou com Eunice Muñoz, colega de profissão e amiga de longa data com quem por várias vezes se cruzou em cena para prazer de muitos espectadores. E quando, magoado com a sua exclusão do Nacional, é convidado por Filipe La Féria para fazer no Teatro Politeama *A casa do lago*, teve o gosto de uma vez mais contracenar com a Eunice que, como ele, saíra pelas mes-

mas razões – de jubilação - do Teatro Nacional.

Agraciado em 1998 com a Comenda da Ordem Militar de Santiago da Espada e contemplado ao longo da vida com inúmeros prémios e distinções, Ruy de Carvalho é figura consagrada artística e socialmente, ocupando lugar de relevo na memória de muitos dos que o viram e ouviram. Mas a ele se cola ainda um protagonismo cívico que o move no Conselho Nacional da Política para a Terceira

Idade e em muitos outros actos solidários a que, de bom grado, se entrega.

Como Fernando Dacosta escreve em breve e luminoso depoimento, “Profundo conhecedor da vida, das pessoas, da cultura, do país, dos sentimentos que lhe couberam, aceitou-os sem ilusões nem desilusões – mas com ternura, com paciência, com disponibilidade, com ironia, disfarçando sempre a decepção, o ludíbrio”<sup>6</sup>.

#### **Maria Helena Serôdio**

Carvalhal de Óbidos, 14 de Agosto de 2009

<sup>6</sup> Fernando Dacosta “Um navegador luminoso”, in Tito Lívio, *Ruy de Carvalho: Um actor no palco da vida*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005, p. 98.





Fotografias de ensaios de *O Camareiro*, TNDM II, 2009





Fotografias de ensaios de *O Camareiro*, TNDM II, 2009







Fotografia de ensaios de *O Camareiro*, TNDM II, 2009

## Conversas com artistas

entrada livre *free entrance*

# TE!A

Conversa com os artistas, de forma informal e próxima, sobre os processos de criação e construção do objecto teatral.

público-alvo **Público em geral**

### [11 Out]

após o espectáculo  
Sala Garrett  
com o elenco de

**O CAMAREIRO - THE DRESSER**

**RUY DE CARVALHO  
VIRGÍLIO CASTELO  
MARIA AMÉLIA MATT  
PAULA MORA  
JOSÉ NEVES  
MARIA ANA FILIPE  
CARLOS PANIÁGUA  
ALEXANDRE LOPES  
ARMANDO VALLE-QUARESMA  
FRÉDÉRIC DA CRUZ  
MIA FARR  
MARCO PAIVA, RUI NETO  
TÂNIA ALVES**

# CURRICULA

## [ACTORES]

### ==RUY DE CARVALHO

[SIR]

Fez a sua estreia como amador aos 15 anos e, três anos depois, como actor profissional na Companhia Rey-Colaço/Robles Monteiro com a peça *Rapazes de Hoje*. Concluiu o curso do Conservatório Nacional e integrou o elenco das companhias Rey-Colaço/Robles Monteiro, Teatro Maria Matos, Teatro Nacional Popular, Vasco Morgado, Teatro Moderno de Lisboa e TNDM II, no qual integrou o quadro do elenco residente. Fez parte do grupo de actores que, em 1971, fundou o Teatro Moderno de Lisboa, responsável pela divulgação de alguns autores contemporâneos. Foi protagonista em peças de Shakespeare, Dürrenmatt, Brecht, Almeida Garrett, António José da Silva, José Cardoso Pires, Bernardo Santareno e Natália Correia e participou ainda em espectáculos realizados a partir de textos de Molière, Tennessee Williams, Bernard Shaw, Tchekov, D. Francisco Manuel de Melo, Eça de Queirós, Luís de Sttau Monteiro e Luiz Francisco Rebello,

entre outros. Para além do teatro, a sua actividade tem-se estendido igualmente à televisão e rádio. Foi distinguido ao longo da sua carreira com vários prémios, destacando-se recentemente o prémio Carreira do Festival de Almada e o Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Évora.

**No TNDM II:** *A Real Caçada ao Sol*, de Peter Shaffer; *O Poder da Górgone*, *Frei Luís de Sousa*, *Falar Verdade a Mentir* e *O Alfageme de Santarém*, de Almeida Garrett; *Rei Lear* e *As Alegres Comadres de Windsor*, de William Shakespeare; *O Crime da Aldeia Velha*, *O Judeu*, de Bernardo Santareno; *Minetti – Retrato do Artista quando Velho*, de Thomas Bernhard; *O Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo; *Romance de Lobos*, de Valle-Inclán; *Gueras do Alecrim e Mangerona*, de António José da Silva; *D. João ou o Convidado de Pedra*, de Molière; *Figados de Tigre*, de Francisco Gomes de Amorim; *Pedro, o Cru*, de António Patrício; *Rómulo*, de Friedrich Dürrenmatt; *As Três Imãs*, de Anton Tchekov, entre outras.

### ==VIRGÍLIO CASTELO

[NORMAN]

Formado pela Escola Superior de Arte Dramática da Universidade de Estrasburgo, a sua actividade como actor tem-se dividido entre o teatro, o cinema e a televisão. No teatro, estreou-se em 1974 com *Pides na Grelha*, no Teatro Adoque, com o qual colaborou até 1977. Desde então, tem trabalhado com companhias como o Teatro do Bairro Alto, Teatro Aberto, Teatro Maria Matos, Casa da Comédia, Teatro Laura Alves, TNDM II, Teatro da Trindade, Teatro S. Luiz, Teatro Nacional de Estrasburgo ou Marionetas de São Lourenço. Foi dirigido por Jorge Silva Melo, João Lourenço, Fernanda Alves, Diogo Dória, Fernanda Lapa, Cucha Carvalho, António Feio, Maria Emilia Correia, Paulo Matos, Ana Nave, Filipe La Féria, entre outros. No cinema, integrou os elencos de cerca de 30 filmes. Em televisão, para além de ter participado em várias séries e novelas, foi também apresentador. Em 2003, recebeu o Globo de Ouro (SIC) de Melhor Actor de Teatro.

**No TNDM II:** *Vincent*, de Leonard Nimoy; *A Sobrinha do Marquês*, de Almeida Garrett.

### MARIA AMÉLIA MATTA

[MILADY]

Formada pela Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional, cujo curso de formação de actores teve, na altura, o contributo de Peter Brook. Estudou ainda em Londres no Covent Garden, com Bettina Jonic. Estreou-se profissionalmente no principal papel do filme *Benilde ou a Virgem-Mãe*, de Manoel de Oliveira. Foi co-fundadora do Grupo de Teatro Os Cómicos, ingressando depois na Companhia Nacional I – Teatro Popular. Pertence, desde 1981, ao quadro de actores do Teatro Nacional D. Maria II. Tem interpretado autores como António Patrício, Arthur Schnitzler, Pirandello, Oscar Wilde, Botho Strauss, William Shakespeare, Almeida Garrett, entre muitos outros. Esteve presente no Festival Internacional de Madrid de 1989, na Europália Portugal 1991, em Bruxelas, e na Lisboa 94 – capital Europeia da Cultura.

**No TNDM II:** *Harper Regan*, de Simon Stephens; *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *Audiência/Vernissage/Havel*, de Václav Havel; *O Caminho Solitário*, de Arthur Schnitzler; *Auto da Índia*, de Gil Vicente; *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, entre outras.

### PAULA MORA

[MADGE]

Licenciada em Psicologia Clínica pela Universidade Autónoma de Lisboa. Actriz desde 1976, começou a sua carreira no Teatro do Nosso Tempo. Em 1977, foi convidada a colaborar com a Companhia Repertório no Teatro Maria Matos e, um ano depois, integrou o elenco residente do TNDM II. Divide a sua actividade artística entre o teatro, o cinema e a televisão, tendo interpretado autores como Almeida Garrett, Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Oscar Wilde, William Shakespeare, David Mamet, entre outros. Em cinema, evidenciou-se com a personagem Filó, no filme *Os Imortais*, de António Pedro Vasconcelos, tendo sido nomeada para os Globos de Ouro.

**No TNDM II:** Participou em mais de 60 espectáculos, entre os quais, *Agosto em Osage*, de Tracy Letts; *Um Conto Americano – Water Engine*, de David Mamet; *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *A Sobrinha do Marquês*, de Almeida Garrett; *O Poder da Górgone*, de Peter Shaffer; *Barcas*, de Gil Vicente; *O Caminho Solitário*, de Arthur Schnitzler; *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa; *A Casa de Bernarda Alba*, de Garcia Lorca; *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde; *Serviço d'Amores*, de Gil Vicente; *Ricardo II* e *Rei Lear*, de William Shakespeare.

### JOSÉ NEVES

[SENHOR OXENBY]

Estreou-se no teatro com o grupo Aquilo-Teatro da Guarda, como músico e compositor. Em 1984, foi admitido no Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), onde foi dirigido pelos encenadores A. Kowalski, Adolfo Gutkin, Joke Terpsma, A. Sardinha, Rogério de Carvalho e Ricardo Pais. Foi um dos fundadores da companhia A Escola da Noite e, desde então, tem sido dirigido por nomes como Bob Wilson, Gior-



gio B. Corsetti, Maria Emília Correia, Jorge Silva Melo, Carlos Avilez, Jorge Lavelli, Richard Cottrell, Tiago Torres da Silva, Graça Correia, Paulo Filipe, Nuno Carinhas, Luís Castro, Carlos Gomes, entre outros. Encenou, no TNDM II, *B.B. Bestas Bestiais*, de Virgílio Almeida (2007), na Escola da Noite, *Amado Monstro*, de Javier Tomeo (1992) e, no Teatro Municipal da Guarda, *Querido Monstro*, de Javier Tomeo (2009).

**No TNDM II:** *Agosto em Osage*, de Tracy Letts; *Um Conto Americano – Water Engine*, de David Mamet; *Boneca*, de Henrik Ibsen; *Ricardo II*, de William Shakespeare; *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *Cartas de Olinda e Alzira*, a partir de Manuel Maria Barbosa du Bocage; *Serviço d'Amores*, a partir de Gil Vicente; *O Avião de Tróia*, de Luiza Neto Jorge; *Berenice*, de Jean Racine; *O Caminho Solitário*, de Arthur Schnitzler; *Barcas*, de Gil Vicente; *Clamor*, de Luísa Costa Gomes; *Fausto. Fernando. Fragmentos.*, a partir de Fernando Pessoa; *Os Jornalistas*, de Arthur Schnitzler; *A Louca de Chaillot*, de Jean Giraudoux; *Falar Verdade a Mentir*, de Almeida Garrett; *Crime da Aldeia Velha*, de Bernardo Santareno; *Real Caçada ao Sol*, de Peter Shaffer; *Rei Lear*, de William Shakespeare; *A Sobrinha do Marquês*, de Almeida Garrett; *A Viagem de Pedro o Afortunado*, de August Strindberg; *Medeia*, de Eurípidas.

#### **MARIA ANA FILIPE** [IRENE]

Frequentou a ESTC e cursos de formação de teatro dirigidos por Cláudio Hochman e João Mota, bem como o curso de canto da Academia de Amadores de Música. Como atriz, tem participado, para além de colaborações em televisão, em peças dirigidas por Paulo Lages, Cláudio Hochman, João Mora e Álvaro Correia. Em 2003, integrou o elenco do filme *Mariage Mix* (Animatógrafo). Como bailarina, participou na I e II Grande Noite Flamenca (Banco Espírito Santo, Casa do Artista) e em *Saraus de Dança no Casino Estoril* e no Teatro Maria Matos.

**No TNDM II:** *A Casa da Lenha*, de António Torrado.

#### **CARLOS PANIÁGUA** [GEOFFREY THORNTON]

Interpretou algumas dezenas de personagens e fez cerca de meia centena de encenações nos Grupos que ajudou a fundar. Membro do T.I.L. - Teatro Independente de Loures, tem acompanhado com especial interesse e levado à cena a obra de Jaime Salazar Sampaio. Tomou parte em várias acções de formação, destacando o "Seminário de Direcção Teatral", dirigido por Adolfo Gutkin na Fundação Calouste Gulbenkian, onde também esteve presente na "Semana sobre o Teatro de Brecht", orientada por Werner Hecht, do Berliner Ensemble (1969). Das várias colaborações com profissionais destacam-se a participação nos elencos de *Lux Lucis*, de João Osório de Castro (TNDM II; 1994), *Categoria 3.1*, de Lars Noren, na

Comuna-Teatro de Pesquisa (2002) e, na mesma Companhia, a assistência de encenação a João Mota, em *Jornada para a Noite*, de Eugene O'Neill (2003).

#### **ALEXANDRE LOPES** [KENT]

Inicia-se como actor no Grupo Infante/Juvenil Mimodança, onde se estreou com a peça *Cário e Bactéria nos Dentinhos do João* (1986), de Thorbjorn Egner. Com o curso de formação de actores da Comuna - Teatro de Pesquisa, faz parte desta companhia, desde 1986, como actor residente, participando em quase todas as produções, digressões, festivais nacionais e internacionais. Em 1995, fundou o grupo Fantopan - Produções Independentes de Espectáculos para a Infância. Participou em várias séries televisivas e dobragens e como actor/cantor lírico nas produções *A Nave Adormecida*, no Teatro Aberto (1988) e *Molly Bloom*, no Teatro Meridional (1996).

#### **ARMANDO VALLE-QUARESMA** [CAVALEIRO]

Iniciou a carreira como actor em 1999. Frequentou vários workshops de teatro e televisão orientados por Aloysio Filho. Com várias participações em trabalhos na área do cinema, televisão e publicidade, é ainda colaborador da Universidade Lusófona nos filmes de finalistas de Produção e Realização. Participou nas óperas *Boris Godunov*, *Ay Amor*, *Turandot*, *Werther* e *Faust*, no Teatro Nacional de S. Carlos.

**No TNDM II:** *Um Conto Americano – Water Engine*, de David Mamet.

#### **FRÉDÉRIC DA CRUZ** [CAVALEIRO]

Licenciou-se em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra, em 2008. Professor de Teatro, Expressão Dramática e Corporal, integrou como actor espectáculos dirigidos por: Júlio Castronuovo; João Mota; António Mercado; Marco António Rodrigues; Nuno Pino Custódio; entre outros. Na sua formação, trabalhou ainda com António Fonseca; João Mota; Francisco Beja, Manuel Guerra; Mário Gonzalez; Eugénio Barba.

#### **MIA FARR** [DAMA]

Licenciada em Teatro, com o curso de Actores/Encenadores da ESTC. Fez vários workshops de teatro e cursos de corpo e movimento. Estreou-se como atriz em *À Espera de Godot* (2001), de Samuel Beckett, numa versão cénica e encenação de Edward Fao e, desde então, tem trabalhado como nomes como João Mota, Carlos Paulo, Álvaro Correia, Mónica Calle, Francisco Salgado e Andreia Farinha.

**No TNDM II:** *Visita na Prisão ou o último Sermão* de António Vieira, de Armando Nascimento Rosa

#### **MARCO PAIVA** [DUQUE DE ALBÂNIA]

Frequenta o último ano da licenciatura em Teatro-Formação de Actores da ESTC. Concluiu, em 2008, o Curso Europeu de Aperfeiçoamento Teatral, École des Mâitres, sob a direcção do encenador Enrique Diaz. É, desde 2008, actor convidado do Teatro da Comuna, sob a direcção de João Mota. Em cinema, trabalhou com Miguel Martí, Joaquim Leitão, João Pedro Rodrigues, entre outros.

**No TNDM II:** *Tanto Amor Desperdiçado*, de William Shakespeare; *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *A Ilha Encantada*, de Hélia Correia.

#### **RUI NETO** [CONDE DE GLOUCESTER]

Licenciado pela ESTC com o curso de Teatro/Actores, frequenta actualmente o Mestrado em Encenação. Fez vários workshops e cursos de teatro, técnicas de cinema e televisão. Estreou-se como actor em 1999 e tem trabalhado com nomes, tais como: João Mota; Armando Nascimento Rosa; Rui Neto; Carlos J. Pessoa; Maria João Vicente; João Canijo; Joaquim Benite; João Garcia Miguel, entre outros. Para além de várias colaborações em cinema, vídeo e televisão, tem ainda experiência em direcção e assistência de encenação.

**No TNDM II:** *O Fim*, de António Patrício.

#### **TÂNIA ALVES** [DAMA]

Nasce em Lisboa, em 1976. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – Inglês/Alemão, na Faculdade de Letras, em 2002. Concluiu, em 2007, o Curso de Actores da ESTC, destacando o trabalho com Luca Aprea, Natália de Matos, Miguel Seabra, Rogério de Carvalho, João Brites e Maria Duarte. Estagiou com a Companhia Mala Voadora e colabora com a Comuna desde 2006, onde trabalhou com João Mota e Álvaro Correia. Lecciona Educação pela Arte e Inglês.

## [CRIATIVOS]

### JOÃO MOTA [VERSÃO CÉNICA E ENCENAÇÃO]

Fez a sua formação teatral com Peter Brook, no Centre International de Recherches Théâtrales e ingressou como actor no Teatro Nacional D. Maria II em 1957, onde permaneceu dez anos. Trabalhou com encenadores como Amélia Rey Colaço, Palmira Bastos, Varela Silva, Pedro Lemos, Jacinto Ramos, Carlos Avilez, Adolfo Gutkin, Francisco Ribeiro, Armando Cortez, entre outros. Fundou a Comuna – Teatro de Pesquisa em 1972, para a qual já encenou mais de uma centena de peças. Pioneiro da Expressão Dramática em Portugal, dirigiu cursos de teatro em diversas cidades estrangeiras, para além de orientar inúmeros cursos de formação no nosso País. Foi nomeado Professor da Escola Superior de Teatro e Cinema em 1972, onde foi director do departamento de Teatro e Presidente do Conselho Directivo.

**No TNDM II:** Como encenador: *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *O Homem dentro do Armário*, de Miguel Rovisco; *As Troianas*, de Jean-Paul Sartre; Como actor: *O Processo de Jesus*, de Diego Fabbri; *Entre Giestas*, de Carlos Selvagem; *Saias*, de Alfredo Cortez; *O Lugre*, de Bernardo Santareno; *A Visita da Velha Senhora*, de Friedrich Dürrenmatt; *A Nova Vaga*, de Pierre Barillet e Jean-Pierre Grédy; *Madame Sans-Gêne*, de Victorien Sardou; *Romeu e Julieta* e *Macbeth*, de

William Shakespeare; *O Dia Seguinte*, de Luiz Francisco Rebello; *Auto da Festa*, de Gil Vicente; *A Bela Impéria*, de Carlos Selvagem, entre outras.

### MARIA JOÃO DA ROCHA AFONSO [TRADUÇÃO]

Foi docente do Departamento de Estudos Anglo-Portugueses da FCSH – UNL, onde leccionou, entre outras, cadeiras de Tradução Literária, Cultura e Literatura Inglesas e História do Teatro. Foi, desde o seu início, professora de História do Teatro na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Mantém actividade regular como investigadora, tendo publicado, quer em Portugal, quer no estrangeiro, artigos diversos sobre Tradução Literária, Tradução para Teatro e Estudos Anglo-Portugueses. Tradutora de vários autores dramáticos, desenvolve actividade como dramaturgista, tendo trabalhado com os encenadores João Mota, Carlos Avilez, António Pires, João Perry, Luiz Rizo, Richard Cottrell, Celso Cleto e Diogo Infante.

**No TNDM II:** *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde; *Ricardo II*, *Sonho de uma Noite de Verão* e *Rei Lear*, de William Shakespeare.

### ANTÓNIO CASIMIRO [CENOGRAFIA]

Cursou a Escola de Artes Decorativas António Arroio e a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Começou a fazer cenários para récitas de amadores na década de 50, profissionalizando-

se, em 1958, quando é admitido na RTP como assistente de cenografista. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, teve uma actividade intensa como pintor na década de 60, altura em que funda a Galeria Época de Lisboa. Entre 1980 e 2004, foi professor de Cenografia no Conservatório Nacional/ESTC. Esteve representado na Quadrienal de Praga, em 1999 e 2006. Desempenha a função de director de Cenografia do Teatro Aberto e tem integrado diversas exposições colectivas. A sua actividade divide-se entre a televisão, o cinema e o teatro. No teatro, tem trabalhado com companhias como o Teatro Aberto, Teatro Municipal de Almada, Casa de Teatro de Sintra, Teatro da Trindade, Teatro Nacional de São Carlos, TNDM II, Intervalo – Grupo de Teatro.

**No TNDM II:** *O Homem dentro do Armário*, de Miguel Rovisco; *As Três Irmãs*, de Anton Tchekov; *O Pescador à Linha*, de Jaime Salazar Sampaio; *O Braço da Justiça*, de Joaquim Paço D'Arcos.

### CARLOS PAULO [FIGURINOS]

Actor profissional desde 1967, estreou-se no Teatro Estúdio de Lisboa, tendo passado pelo Teatro Experimental de Cascais, Casa da Comédia, Companhia Laura Alves, Teatro Villaret – Companhia de Raul Solnado, Companhia Teatral de Angola, Companhia de Mário Viegas, Filipe La Féria Produções, e foi sócio fundador da Metrul, do Teatro Laboratório de Lisboa Os Bonecreiros e fundador da

Comuna-Teatro de Pesquisa (1972), onde ainda se mantém. Além da actividade como actor, é também formador, figurinista e autor de textos para teatro, televisão e música. Como actor, representou, nacional e internacionalmente, mais de 80 peças, além da participação em centenas de programas de rádio, televisão e cinema. Há 10 anos, criou *A Palavra dos Poetas*, espectáculos de divulgação da poesia portuguesa, tendo apresentado a vida e a obra de 35 poetas nacionais. Colabora regularmente, como formador, com a escola Superior de Educação João de Deus e com a Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Direito.

**No TNDM II:** *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *O Homem dentro do Armário*, de Miguel Rovisco.

### PAULO GRAÇA [DESENHO DE LUZ]

Iniciou a sua actividade como luminotécnico, em 1978, no Grupo de Teatro A Barraca. Como iluminador, tem criado luzes para diversos géneros de espectáculo: teatro; música; moda; performance e dança. Dos trabalhos realizados, destacam-se: *É Menino ou Menina?*, de Helder Costa; *Tanza Variedades*; *Despertar da Primavera* e *Minetti*, de Ricardo Pais; *Horácios e Curiácios*, de João Perry; *Moda Lisboa* (1991/93); *Gahvoreh*, de Gagik Ismailian; *Io Sono una Bambina* e *Io Sono un Disegno*, de Margarida Bettencourt; *A Menina do Mar*, de Paula Massano; *Presley ao Piano*, de Olga Roriz e Ri-

cardo Pais; *Violoncelo não acompanhado em Suite de Luxo e 1988*, de Olga Roriz; *Evocações*, de Lúcia Lozano e Sal-Capate, de Benvindo Fonseca; *Sob*, de Vera Mantero. Foi chefe lumino-técnico do TNDM II, Director Técnico do Festival Internacional de Teatro. Actualmente, é Director Técnico do CCB.

**No TNDM II:** *A Casa da Lenha*, de António Torrado; *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde.

### HUGO FRANCO [MÚSICA / ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO]

Músico e actor profissional. O seu primeiro trabalho no teatro data de 1997, *O Homem dentro do Armário* (enc. João Mota, Comuna-Teatro de Pesquisa), como Assistente de Encenação e Autor Musical. Desde então, tem colaborado como actor, autor, director musical, técnico de som e instrumentista em peças dirigidas por João Mota, Carlos Paulo, Álvaro Correia, Alfredo Brissos, entre outros. Para além de alguns trabalhos em rádio, televisão e publicidade, é membro fundador de alguns grupos musicais, como o Mercuriucromos e Veludo.

### MATILDE AZEVEDO NEVES [ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA E ADEREÇOS]

Com o curso de Desenho da Sociedade Nacional de Belas Artes, cursou ainda Fotografia (ARCO), Arte e Design (Londres), Iluminação (Milão), Design para Performance (Londres), Direcção Artística (Londres), Estilismo

(Londres), Escrita Criativa e Guionismo. Estreou-se em 2006, como assistente de produção, no Festival Trama D'Autore, em Milão. Estagiou no Teatro alla Scala e, em 2008, na *Vogue UK*. Como cenógrafa e figurinista, tem colaborado com o Teatro Politeama (2007), Victoria and Albert Museum (2008), com Catarina Oliveira (*Movement of Structures*, 2008), CCB (2009). Foi ainda cenógrafa e figurinista de algumas curtas-metragens.



# HOTEL DO CHIADO

Um Hotel de Encanto



Rua Nova do Almada, 114  
1200 -290 Lisboa - Portugal  
Telf. +351 213 256 100  
Fax + 351 213 256 161  
[www.hoteldochiado.pt](http://www.hoteldochiado.pt)  
[reservations.chiado@hoteldochiado.pt](mailto:reservations.chiado@hoteldochiado.pt)





TEATRO NACIONAL D. MARIA II, E.P.E.

direcção artística  
**DIOGO INFANTE**

conselho de administração  
**MARIA JOÃO BRILHANTE,  
MARIA DO PILAR LOURINHO,  
MÓNICA ALMEIDA**

assessoria artística  
**NATÁLIA LUIZA**  
 assessoria de comunicação  
**RUI CALAPEZ**  
 assessoria da administração  
**FERNANDA CARVALHO**  
 assessoria técnica de projecto  
**PEDRO SILVA**  
 secretariado  
**CRISTINA PIMENTEL**  
 auxiliar administrativo  
**LUÍS FREDERICO**  
 motorista  
**RICARDO COSTA**

actores  
**ANTÓNIO BANHA, JOÃO GROSSO, JOSÉ NEVES,  
LÚCIA MARIA, MANUEL COELHO,  
MARIA AMÉLIA MATTÁ, PAULA MORA**

direcção de produção  
**CONCEIÇÃO CABRITA**  
 produção executiva  
**MANUELA SÁ PEREIRA**  
 auxiliar/motorista  
**CARLOS LUÍS**

direcção de cena  
**ANDRÉ PATO, CARLOS FREITAS, MANUEL GUICHO,  
PAULA MARTINS, PEDRO LEITE**

pontos  
**CRISTINA VIDAL, JOÃO COELHO**  
 guarda-roupa  
**ELISABETE LEITE, GRAÇA CUNHA**

direcção técnica  
**JOSÉ CARLOS NASCIMENTO, VERA AZEVEDO**  
 adereços  
**ILDEBERTO GAMA, ABÍLIO GARCIA, ABRAÃO TAVARES,  
VIRGÍNIA RICO**  
 som  
**RUI DÂMASO, ANTÓNIO VENÂNCIO, PEDRO COSTA,  
SÉRGIO HENRIQUES**  
 luz  
**JOÃO DE ALMEIDA, DANIEL VARELA,  
FELICIANO BRANCO, LUÍS LOPES, PEDRO ALVES**  
 carpintaria / maquinaria / montagem  
**VÍTOR GAMEIRO, JORGE AGUIAR, MARCO RIBEIRO,  
PAULO BRITO, NUNO COSTA, RUI CARVALHEIRA**

manutenção electrónica  
**MANUEL BEITO**  
 manutenção e mecânica de cena  
**MIGUEL CARRETO**

direcção de comunicação e imagem  
**RAQUEL GUIMARÃES**  
 assessoria de imprensa  
**JOÃO PEDRO AMARAL**  
 produção de conteúdos  
**MARGARIDA GIL DOS REIS**  
 design gráfico  
**MARGARIDA KOL**  
 fotografia de cena  
**MARGARIDA DIAS**

direcção administrativa e financeira  
**JOÃO VALADAS, EULÁLIA RIBEIRO, IDALINA FIALHO,  
ISABEL ESTEVENS**  
 tesouraria  
**IVONE PAIVA E PONA**  
 recursos humanos  
**ANTÓNIO MONTEIRO, MADALENA DOMINGUES**

manutenção  
**SUSANA COSTA, ALBERTINA PATRÍCIO, ARLINDO SOBREIRO,  
CARLOS HENRIQUES, CLÁUDIO LAUREANO, LUÍS SOUTA,  
VÍTOR SILVA**  
 informática  
**NUNO VIANA**  
 técnicas de limpeza  
**FLORINDA MARTINS, ANA PAULA COSTA, CARLA TORRES,  
LUZIA MESQUITA, SOCORRO SILVA**

relações externas  
**ANA ASCENSÃO, CARLOS MARTINS, CONCEIÇÃO LUCAS,  
CRISTINA FARIA, DEOLINDA MENDES**

livraria  
**SANDRA SILVA, ANA GODINHO**  
 biblioteca - arquivo  
**FERNANDA BASTOS**

bilheteira  
**RUI JORGE, MARIA SOUSA, NUNO FERREIRA**

frente de sala  
**FERNANDA LIMA**  
 recepção  
**DELFINA PINTO, ISABEL CAMPOS, LURDES FONSECA,  
PAULA LEAL**



Praça D. Pedro IV, 1100 - 201 Lisboa  
Tel.: 21 325 08 00

**parceiro de comunicação**



**parceiros**



**co-produção**



**rádio oficial e exclusiva**



**apoio ao espectáculo**



**Informações e Reservas**  
Tel. 21 325 08 35

**Bilheteira Online**  
[www.teatro-dmaria.pt](http://www.teatro-dmaria.pt)